

**Kazuo
ISHIGURO**

**NUNCA
me
DEIXES**

TRADUÇÃO · Rui Pires Cabral

FICÇÃO · ROMANCE

Para Lorna e Naomi

Introdução ao 20.º aniversário da publicação de *Nunca Me Deixes*

Enquanto eu estava ocupado a escrever o meu quarto e o meu quinto romances, o meu escritório tinha-se transformado misteriosamente numa espécie de selva interior em miniatura. Havia, por todo o lado, montanhas poeirentas de páginas rabiscadas e torres precárias de pastas.

No entanto, na Primavera de 2001, comecei a trabalhar no meu novo romance com uma energia renovada, depois de o escritório ter sido remodelado de acordo com as minhas especificações exactas. Agora tinha prateleiras bem organizadas até ao tecto e – algo que desejava há anos – duas superfícies de escrita *que se encontravam num ângulo recto*. O espaço parecia ainda mais pequeno do que antes (sempre preferi escrever em salas pequenas, de costas para qualquer vista), mas estava imensamente satisfeito com ele. Diria a quem estivesse interessado que era como estar instalado na carruagem-cama de um comboio de luxo de época: bastava-me rodar a cadeira e estender a mão para obter o que quer que precisasse.

Um desses objectos, agora facilmente acessível, era uma caixa de arquivo na prateleira à minha esquerda, com a indicação «Romances de Estudantes». Continha notas escritas à mão, diagramas de teias de aranha e algumas páginas dactilografadas resultantes de duas tentativas distintas que fiz – em 1990 e, depois, em 1995 – de escrever o romance que viria a ser *Nunca Me Deixes*. Em ambas as ocasiões, abandonei o projecto e passei a escrever um romance em nada relacionado.

Não que precisasse de consultar o ficheiro muitas vezes: estava bastante familiarizado com o seu conteúdo. Os meus «estudantes» não tinham

nenhuma universidade perto deles, nem se assemelhavam minimamente ao tipo de personagens encontradas, por exemplo, em *The Secret History* ou nos «romances universitários» de Malcolm Bradbury e David Lodge. Mas mais importante ainda era o facto de eu saber que eles iriam partilhar um estranho destino, um destino que iria encurtar drasticamente as suas vidas, mas que os faria sentir especiais, até mesmo superiores.

Contudo, o que era esse «estranho destino» – a dimensão que eu esperava que desse ao meu romance o seu carácter único?

A resposta continuou a escapar-me ao longo da década anterior. Tinha pensado em cenários que envolviam um vírus ou a exposição a materiais nucleares. Cheguei mesmo a sonhar uma vez com uma sequência surrealista em que um jovem que pedia boleia a altas horas da noite, numa auto-estrada enevoada, faz sinal a uma série de veículos e acaba por conseguir boleia num camião que transporta mísseis nucleares pelo interior de Inglaterra.

Apesar de todas estas elucubrações, continuava insatisfeito. Cada ideia que me ocorria parecia demasiado «trágica», melodramática ou simplesmente ridícula. Nada do que conseguia inventar se aproximava das necessidades do romance que eu sentia que via vagamente à minha frente nas brumas da minha imaginação.

Mas agora, em 2001, quando voltei ao projecto, senti que algo importante tinha mudado – e não era apenas o meu escritório.

* * *

Como leitor e escritor, cresci sob a influência dos cursos universitários de literatura dos anos 1970 e da ficção londrina dos anos 1980. Foi uma era excitante de grande ambição literária, caracterizada por uma abertura às correntes internacionais e pós-coloniais. Mas foi também uma era hostil, na melhor das hipóteses condescendente, em relação a quaisquer obras que parecessem derivar de um género «popular». A ficção científica, em particular, parecia carregar um estigma misterioso e era conduzida, em termos criativos e editoriais, dentro do seu próprio meio cultural. Por isso, eu, tal como muitos dos meus colegas, sempre

me afastei da ficção científica, acreditando que ela não tinha nada para oferecer que pudesse ser relevante para as minhas ambições artísticas.

Depois, no final da década de 1990, apercebi-me tardiamente de que já não era um «jovem escritor» – havia uma nova geração diferenciada e estimulante a emergir na Grã-Bretanha, normalmente com menos quinze ou mais anos do que eu. Li e admirei alguns destes autores à distância. Outros tornaram-se amigos.

Por exemplo: Eu e Alex Garland (que na altura tinha acabado de publicar *A Praia*) adoptámos um princípio – que ainda hoje se mantém – de nos encontrarmos para almoços informais e diletantes em cafés do norte de Londres, e depressa reparei que ele, sem qualquer vergonha ou pose, citava frequentemente escritores como J. G. Ballard, Ursula K. Le Guin e John Wyndham. Foi Alex quem elaborou para mim uma lista das novelas gráficas mais importantes que eu tinha de ler, apresentando-me o trabalho de figuras importantes como Alan Moore e Neil Gaiman. Nessa altura, Alex estava a escrever um argumento que viria a ser o clássico filme de 2002 sobre distopia *zombie 28 Dias Depois*. Mostrou-me um primeiro esboço e ouvi-o fascinado a discutir os prós e os contras de várias formas de avançar.

E, no Outono de 2000, durante uma digressão de autores de costa a costa nos EUA, o meu itinerário cruzou-se três vezes com o de um jovem autor inglês que estava a promover o seu primeiro romance. O romance era *Ghostwritten* e o seu nome era David Mitchell – ambos desconhecidos para mim nessa altura. Demos por nós sentados à noite em salões de hotéis no Midwest americano, a relaxar depois dos nossos respectivos eventos, competindo para identificar as músicas que o pianista de *cocktails* estava a tocar para nós. A par da conversa sobre Dickens e Dostoiévski, reparei que ele mencionava Ursula K. Le Guin, Rosemary Sutcliff, o recente filme *Matrix*, H. P. Lovecraft, histórias de terror e de fantasmas antigas e *kitsch*, literatura fantástica. Quando regresssei a casa, li *Ghostwritten* e apercebi-me de que tinha estado a conviver com um talento monstruoso (uma avaliação que se tornou mais ou menos universal quando ele publicou *Cloud Atlas* três anos mais tarde).

A minha familiaridade crescente com estes colegas mais jovens entusiasmou-me e libertou-me. Abriu-me janelas que eu não tinha

Inglaterra, finais da década de 90

PARTE UM

1

Chamo-me Kathy H. Tenho 31 anos e trabalho há mais de onze como ajudante. Parece muito tempo, bem sei, mas a verdade é que me pediram que continuasse por mais oito meses, até ao final deste ano. Completarei assim doze anos de trabalho. O facto de ser ajudante há tanto tempo não significa necessariamente que me considerem uma profissional excelente. Sei de alguns ajudantes muito competentes que foram convidados a parar ao fim de apenas dois ou três anos. E conheço pelo menos uma ajudante que, apesar de ser uma inútil, trabalhou quase catorze anos. Não pretendo gabar-me de nada. Mas sei que a qualidade do meu trabalho tem agradado aos outros e, em grande medida, a mim própria. Os dadores a meu cargo sempre se saíram melhor do que o esperado, com períodos de recuperação surpreendentemente curtos. Raramente foram classificados como «agitados», mesmo antes da quarta doação. Bom, está bem, agora talvez *esteja* a gabar-me um bocadinho. Mas para mim é muito importante saber que desempenho adequadamente o meu trabalho, em especial no que toca a manter «calmos» os meus dadores. Desenvolvi uma espécie de instinto na minha relação com eles. Sei quando devo ficar junto deles e confortá-los, e quando devo deixá-los sozinhos; quando devo ouvir o que têm a dizer, e quando devo limitar-me a encolher os ombros e a mandá-los tomar juízo.

Seja como for, não estou a afirmar que sou uma maravilha. Conheço alguns ajudantes, presentemente em actividade, que são tão bons quanto eu e que não recebem metade do reconhecimento. Se for esse o seu caso, compreendo que possa sentir algum ressentimento e inveja – em relação ao meu alojamento, ao meu carro e, sobretudo, ao facto de me deixarem

escolher os dadores com quem trabalho. Além disso, sou uma antiga aluna de Hailsham – o que por vezes é suficiente para pôr as pessoas de pé atrás comigo. «A Kathy H. escolhe à vontade dela», diz-se por aí à boca pequena. «E escolhe sempre gente como ela: gente de Hailsham ou de uma das outras escolas privilegiadas. Por isso é que tem tão bom currículo.» Ouço frequentemente este tipo de coisas, pelo que imagino que você as terá ouvido ainda mais vezes, e é possível que haja alguma razão nestas queixas. Mas eu não sou a primeira ajudante a poder escolher os dadores, e duvido muito que venha a ser a última. De qualquer maneira, já cuidei de dadores provenientes de todo o tipo de escolas. Além disso, como já disse, completarei em breve doze anos de trabalho, e só tenho podido escolher os dadores ao longo dos últimos seis.

E porque não? Os ajudantes não são máquinas. Tentamos fazer o melhor por cada dador, e é, no fim de contas, um trabalho muito desgastante. Não temos reservas ilimitadas de paciência e energia. Assim, quando nos dão a possibilidade de escolher, é claro que escolhemos a nossa gente. É natural. Eu não teria conseguido desempenhar o meu trabalho durante tanto tempo se não houvesse empatia entre mim e os dadores. Além disso, se não me deixassem escolher, jamais teria reencontrado a Ruth e o Tommy ao fim de tantos anos.

Ultimamente, como é natural, há cada vez menos dadores dos meus tempos de Hailsham, pelo que, na prática, não tenho escolhido muito. Como eu costumo dizer, o nosso trabalho torna-se muito mais duro quando não temos uma ligação mais profunda com o dador, e embora eu possa vir a ter saudades dos meus tempos de ajudante, a verdade é que estou feliz por poder terminar este trabalho no final do ano.

A Ruth, a propósito, foi apenas a terceira ou quarta dadora que pude escolher. Na altura já lhe tinha sido atribuída uma outra ajudante, e lembro-me de que foi necessário algum descaramento da minha parte para poder ficar com ela. Contudo, acabei por conseguir o que queria, e no momento em que voltei a vê-la, no centro de convalescença de Dover, as diferenças que nos separavam – se bem que não tivessem desaparecido completamente – pareceram-me muito menos importantes do que todas as coisas que nos uniam: o facto de termos crescido juntas em Hailsham e de sabermos e recordarmos coisas que mais ninguém sabia ou recordava.

Julgo que foi a partir de então que comecei a procurar entre os dadores pessoas que tivessem feito parte do meu passado e, sempre que possível, antigos alunos de Hailsham.

Houve momentos em que tentei esquecer Hailsham, em que me censurei a mim própria por estar sempre a relembrar o passado. Mas, a partir de certa altura, deixei simplesmente de resistir a essa tentação. Esta mudança de atitude teve a ver com um dador de quem cuidei no meu terceiro ano de trabalho; teve a ver com a reacção dele quando lhe disse que tinha sido educada em Hailsham. Ele acabara de passar pela sua terceira doação; as coisas não tinham corrido bem, e ele devia pressentir que estava perto do fim. Mal conseguia respirar, mas olhou para mim e disse: «Hailsham. Aposto que era um lugar bonito.» E então, na manhã seguinte, estava eu a tagarelar para o distrair de tudo aquilo, quando a certa altura lhe perguntei onde tinha crescido. Ele referiu um qualquer sítio em Dorset, e um novo tipo de esgar torceu-lhe o rosto inflamado. E eu compreendi o quanto ele desejava esquecer o passado. Em vez disso, queria que eu lhe falasse de Hailsham.

Assim, ao longo dos cinco ou seis dias seguintes, contei-lhe tudo o que ele desejava saber. Estendido na cama, todo entubado, sorria docemente de vez em quando. Fazia-me perguntas sobre todo o tipo de coisas, desde os assuntos mais importantes até aos mais pequenos pormenores. Queria saber tudo sobre os nossos tutores, as arcas que guardávamos debaixo da cama com as nossas colecções de objectos pessoais, as partidas de futebol e de *rounders*^{*}, o estreito caminho que rodeava o edifício principal e todos os seus recantos e fendas, o lago dos patos, a comida, a vista da sala de desenho para os campos nas manhãs de nevoeiro. Por vezes pedia-me que repetisse as coisas; coisas que eu lhe tinha contado no dia anterior. «Tinham um pavilhão desportivo?» «E quem era o teu tutor preferido?» Inicialmente julguei que aqueles lapsos de memória fossem um efeito dos medicamentos, mas depois compreendi que ele estava perfeitamente lúcido. Desejava não apenas ouvir falar de Hailsham, mas *recordar* Hailsham, como se ele próprio tivesse passado lá a sua infância. Sabia que estava prestes a completar o ciclo, e era por isso que me pedia

* Desporto inglês semelhante ao basebol. (*N. do T.*)

para descrever as coisas tantas vezes: queria absorvê-las profundamente, de modo que durante aquelas noites em claro, com as drogas, as dores e a exaustão, as minhas memórias se confundissem com as dele. Foi então que percebi pela primeira vez, que compreendi verdadeiramente, a sorte que tínhamos tido – eu, o Tommy, a Ruth e todas as outras crianças de Hailsham.

Durante as minhas viagens de carro pelo país continuo a ver coisas que me recordam Hailsham. Passo por um campo mergulhado no nevoeiro, avisto parte de uma mansão distante, à saída de um vale, ou simplesmente um grupo de choupos numa colina, e penso: «Talvez seja aqui! Encontrei-a! É mesmo Hailsham!» Depois compreendo que não é possível e continuo a viagem, mergulhada noutros pensamentos. Há uns certos pavilhões brancos que me emocionam particularmente. Encontro-os um pouco por toda a parte, na extremidade de campos de jogos, pequenos edifícios pré-fabricados com uma fiada de janelas anormalmente elevada, sob os beirais. Julgo que esses pavilhões estavam na moda nas décadas de 50 e 60, provavelmente a data de construção do nosso. Quando passo por um deles, fito-o o mais longamente possível – um destes dias ainda acabo por ter um acidente, mas não consigo evitá-lo. Aqui há uns tempos, estava eu a atravessar uma região desabitada do Worcestershire quando avistei um pavilhão desse género junto a um campo de críquete; era tão parecido com o de Hailsham que cheguei mesmo a inverter a marcha para poder observá-lo melhor.

Nós adorávamos o nosso pavilhão desportivo, talvez porque nos fazia lembrar aquelas simpáticas casinhas de campo dos livros ilustrados da nossa infância. Quando éramos mais pequenos costumávamos suplicar aos tutores que nos dessem a aula seguinte no pavilhão, em vez de na sala de aula normal. Mais tarde, quando tínhamos 13 ou 14 anos, o pavilhão tornou-se o sítio onde nos refugiávamos com os nossos melhores amigos sempre que desejávamos fugir do resto de Hailsham.

O pavilhão era suficientemente grande para que dois grupos diferentes pudessem ocupá-lo sem se incomodarem mutuamente – durante o Verão, o alpendre podia acolher um terceiro grupo. Mas, idealmente, gostávamos de ter o pavilhão só para nós, pelo que o sítio era frequentemente objecto de disputas e discussões. Os tutores estavam sempre a

reprender-nos por causa disso, a pedir-nos que aprendêssemos a negociar o espaço de modo civilizado; na prática, porém, a conquista do pavilhão durante um intervalo ou hora livre dependia da força e da personalidade de alguns elementos do grupo. Eu não era exactamente do tipo imperioso, e suponho que era graças à Ruth que conseguíamos ficar tantas vezes com o pavilhão.

Normalmente distribuíamos-nos pelas diversas cadeiras e bancos – éramos geralmente cinco (ou seis, quando a Jenny B. se juntava a nós) – e entregávamo-nos então a uma boa sessão de mexericos. Certo tipo de conversas só acontecia quando nos refugiávamos no pavilhão; falávamos de tudo o que nos preocupava, e podíamos acabar a rir às gargalhadas, ou envolvidas numa discussão furiosa. Era, basicamente, uma forma de nos descontrairmos na companhia das nossas melhores amigas.

Recordo-me em especial de uma tarde em que estávamos empoleiradas nos bancos a espreitar pelas janelas altas. As janelas davam para o campo de jogos Norte, onde cerca de uma dúzia de rapazes do nosso ano e alguns mais velhos se tinham reunido para um jogo de futebol. Fazia sol, mas devia ter estado a chover anteriormente, já que a luz cintilava na relva húmida e enlameada.

Uma de nós disse que era uma estupidez estarmos ali a espiar os rapazes de uma forma tão óbvia, mas nenhuma se afastou das janelas.

– Ele não suspeita de nada – disse a Ruth. – Olhem para ele. Não faz ideia do que vai acontecer.

Fitei-a, tentando perceber se aprovava ou reprovava a partida que os rapazes estavam prestes a pregar ao Tommy. Mas ela limitou-se a soltar uma pequena gargalhada e a dizer: – Que idiota!

E eu compreendi que, para a Ruth e para as outras, o mundo dos rapazes era bastante remoto; pouco interessava que aprovássemos ou não as coisas que eles faziam. Nesse momento estávamos reunidas à volta da janela não porque apreciássemos a perspectiva de assistir a mais uma humilhação do Tommy, mas apenas porque tínhamos ouvido falar do plano e estávamos vagamente curiosas em relação ao modo como iria desenrolar-se. Julgo que, nesses tempos, as actividades dos rapazes não nos interessavam muito. A Ruth e as outras raparigas tinham essa atitude de distância em relação a eles, e provavelmente eu também.